

A Imagem do Professor na Escola Primária: Imagem dada pelos Alunos, Imagem Social (*)

VERA MONTEIRO (**)

1. INTRODUÇÃO

Se falamos hoje de ensino, falamos em primeiro lugar de uma instituição social, de um sistema educativo que tem as suas próprias finalidades e que possui um conjunto de organismos ou de estruturas para os realizar.

É esta instituição que põe em relação quotidiana dois ou mais seres humanos: o professor e os alunos. A sua acção inscreve-se no sentido de cumprir estas finalidades, passando por normas definidas. Este ponto de vista está especialmente centrado no ensino — resultado, que é visto como um produto final, fazendo-nos esquecer que esta relação é um «processo que liga de forma prevista ou imprevisita os protagonistas e que os mete em comunicação, em situação de troca e modificação recíprocas» (G. Mialaret, 1976).

É neste contexto de relações professor-aluno que este estudo se inscreve, mais especificamente no que se refere à imagem do professor. Parece-nos extremamente útil um estudo mais aprofundado deste assunto, para que possamos ter uma melhor compreensão do que se passa na sala de aula, tanto do ponto de vista dos

saberes, das interacções comportamentais do professor, dos alunos, como ainda do significado das situações de aprendizagem. Deste modo tentou-se fazer uma análise mais clara das situações escolares, esforçando-nos por compreender as imagens que os diferentes intervenientes constroem em conjunto, para poderem cooperar e ajustar-se mutuamente.

Neste estudo implicámos os dois intervenientes da acção educativa (professor-aluno), evocando a sua opinião, para poder concluir a um nível interaccional. Assim, num primeiro momento solicitou-se a imagem do professor como ele é descrito pelos seus alunos e depois num segundo tempo, perguntámo-nos até que ponto este Comportamento exprimido pelos alunos estava de acordo com o que o professor tem de si próprio.

Estamos aqui perante um problema que se relaciona com o tipo de comunicação que se estabelece entre estes actores. Comunicar implica a transmissão intencional ou não de mensagens, que são destinadas a informar ou a influenciar um indivíduo ou um grupo de indivíduos que as recebe. Logo, ao mesmo tempo que se produz uma acção sobre o sujeito receptor, existe um efeito retroactivo sobre o emissor, que é assim também influenciado.

Dito de outro modo, se um aluno manifesta uma determinada imagem que tem do professor, será que este último está consciente desta imagem?

(*) Comunicação apresentada no VII Colóquio de Psicologia e Educação, ISPA, Lisboa, Novembro de 1992.

(**) Assistente Estagiária, ISPA.

2. PROBLEMÁTICA GERAL E HIPÓTESES

2.1. *Imagem do Professor pelo Aluno*

Solicitar a opinião do aluno sobre o seu professor levanta alguns problemas. Um deles é, sem dúvida, a idade dos alunos. Na construção do instrumento é necessário ter em conta este factor, já que é indispensável que as crianças compreendam o que o investigador lhes pergunta. Para o meu estudo, escolhi as idades 9-10 anos, isto é, o fim do 1.º ciclo do ensino básico, porque penso que estes alunos já têm alguma facilidade na compreensão das questões, e além disso, porque ao terem um estatuto de passagem para o segundo ciclo, terão menos preocupações sobre a autoridade do professor em relação a eles.

Segundo M. Gilly (1975) o aluno no final da escola primária dá uma determinada importância ao aspecto relacional-afectivo, o que se opõe à representação do professor pelo aluno num trabalho apresentado por este autor em 1972, em que este aspecto é negligenciado.

O autor refere que as crianças fazem alusão a um estereotipo social que dá ao professor uma boa imagem de pedagogo. Os alunos respondem em relação ao seu professor com uma certa coerência, que engloba tanto os aspectos relacionais afectivos como os aspectos técnicos do comportamento do professor.

A questão que se coloca em seguida é se o estatuto escolar dos alunos terá influência no modo como eles vêem o seu professor?

Sabendo que os professores fazem uma distinção radical entre os diferentes estatutos escolares (Perron, 1962; M. Gilly, 1972), será que os alunos irão responder com uma desvalorização da imagem do professor se se trata de um aluno fraco e vice-versa se se trata de um bom aluno?

A primeira hipótese que se levanta neste estudo é de que esperamos obter uma imagem mais favorável do professor por parte dos bons alunos, do que por parte dos alunos fracos.

2.2. *Imagem Social*

Para M. Gilly (1972) a imagem social «é a descrição de si próprio dada pelo sujeito a partir do momento em que ele se coloca no ponto de

vista do outro. Ela é o que ele pensa ser para o outro.» Será algo como: «como é que os outros me vêem.»

A imagem social alimenta-se de dados exteriores ao sujeito, no entanto, não se trata de um reflexo de atitudes e julgamentos do outro, mas de uma construção que põe em jogo processos de selecção, de interpretação e de reorganização da informação.

Numa perspectiva interaccionista, ao pedir a uma criança a imagem do seu professor e ao professor a sua imagem social, estas serão influenciadas por uma pluralidade de factores, nomeadamente: (a) o estatuto de que o professor é portador; (b) o poder que exerce dentro da sala de aula; (c) o privilégio que tanto o estatuto como o poder lhe concedem.

Filloux (1974) fez um estudo em que pediu aos professores que lhe dissessem não só o que eles fazem que o aluno gosta, mas também o que o aluno pensa que os professores gostam, e inversamente. Constatou que o estatuto do professor, que lhe dá um poder (de saber, de justiça, etc.) na sala de aula, causa uma certa perturbação na comunicação. O aluno vê o professor apenas sob esta autoridade e o professor só vê o aluno como submisso à sua autoridade.

Deste modo a segunda hipótese que nos propomos testar é a de que o professor terá tendência a valorizar a sua imagem independentemente do estatuto escolar dos seus alunos. No entanto, a imagem que ele dá de si próprio será mais favorável quando se refere aos bons alunos, do que quando se refere aos alunos fracos.

Quanto ao estatuto escolar atribuído aos alunos, DePaulo e col. (1987), constataram que os professores que têm necessidade de provar uma imagem favorável, estão directamente ligados à apropriação do comportamento dos outros.

Poderemos então propor como terceira hipótese, que se o professor tem necessidade de se ver como um bom pedagogo, e se tem essa confirmação através dos bons alunos que «produz», então haverá maior aproximação entre a imagem social do professor e a imagem que dele têm estes mesmos alunos. Por outro lado, mais afastadas serão as imagens no caso dos seus alunos fracos.

3. PROCEDIMENTOS

3.1. Amostra

Nesta pesquisa, a base de amostragem foi recortada num universo de alunos e professores da seguinte forma: 72 alunos com idades compreendidas entre os 9-10 anos, dos quais 36 eram considerados bons alunos pelos seus professores e 36 alunos fracos, frequentando o 4º ano de escolaridade. Fez ainda parte da amostra os respectivos professores: 8.

3.2. Instrumentos

Relativamente aos instrumentos, optou-se pela utilização de dois questionários fechados: um dirigido aos alunos e outro aos professores. No primeiro, cada criança pronuncia-se individualmente sobre o modo como descreve o seu professor, tendo em conta dois pontos de vista: (a) por um lado os aspectos técnicos dos comportamentos pedagógicos do professor, (b) por outro lado, os comportamentos afectivos e relacionais. Este questionário foi traduzido e adaptado a partir do questionário sobre a percepção do professor pelo aluno de M. Gilly (1975).

O questionário dirigido aos professores, foi transformado e adaptado a partir do anterior, de modo a que o professor também pudesse responder, e a comparação entre as respostas de alunos e professor pudesse ser possível.

Em ambos os casos, as respostas foram fornecidas numa escala de frequência de 5 pontos: Sempre, Muitas vezes, Algumas vezes, Raramente, Nunca.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Fazendo a análise dos resultados podemos notar que a imagem do professor dada pelos alunos em estudo é, em geral, favorável.

Se julgarmos pelas médias, pode-se concluir à primeira vista, que os alunos têm uma boa imagem do seu professor. Os valores obtidos em cada escala por cada sujeito poderiam variar entre 36 e 180, tendo-se verificado o que se apresenta no Quadro 1.

Fazendo a comparação entre o grupo dos

QUADRO 1
Imagem do Professor (valores médios)

	MÉDIA
Toda População	132.3
Bons Alunos	132.1
Alunos Fracos	132.5

bons alunos e dos alunos fracos, pode-se verificar através do teste de U de Mann-Whitney, que não existem diferenças significativas entre as respostas obtidas nos dois grupos de alunos, pelo que a hipótese 1 não se verifica.

No entanto, tal como se pode ver no Quadro 2 os alunos fracos vêem o seu professor mais favoravelmente que os bons, nos seus aspectos técnicos. Esta situação inverte-se, quando se trata dos aspectos relacionais-afectivos do professor, embora estatisticamente para o teste atrás referido estas diferenças também não sejam significativas.

Neste estudo procurou-se ainda estudar a imagem que o professor constrói de si próprio quando se coloca no ponto de vista dos seus alunos e constatou-se o seguinte: em geral, verifica-se que os professores pensam ter uma imagem positiva por parte dos alunos, sendo esta mais favorável quando ele se coloca no ponto de vista dos bons alunos e menos favorável quando se trata dos alunos fracos (Quadro 3).

QUADRO 3
Orientação da carreira dos gestores entrevistados

	MÉDIA
Toda População	134.9
Bons Alunos	141.0
Alunos Fracos	128.0

É curioso verificar que a imagem que os professores têm de si próprios quando se colocam do ponto de vista dos alunos é superior à que os bons alunos na realidade têm deles e inferior no caso dos alunos fracos. Por outro lado veri-

QUADRO 2

Prova de U de Mann-Whitney para testar a igualdade dos bons e dos alunos fracos quanto à Imagem do Professor

	Bons Alunos		Alunos Fracos	
Aspectos técnicos	$\bar{x} = 33.7$	$z = -1.15$	$\bar{x} = 39.3$	Diferença não significativa
Aspectos relacionais/afectivos	$\bar{x} = 37.4$	$z = -.361$	$\bar{x} = 35.6$	Diferença não significativa
Outros	$\bar{x} = 38.8$	$z = .9345$	$\bar{x} = 34.2$	Diferença não significativa
Imagem total	$\bar{x} = 36.54$	$z = -.017$	$\bar{x} = 36.46$	Diferença não significativa

QUADRO 4

Prova de U de Mann-Whitney para testar a igualdade da Imagem Social do Professor

	Bons Alunos		Alunos Fracos	
Aspectos técnicos	$\bar{x} = 45$	$z = -3.46$ $p < .001$	$\bar{x} = 28$	Diferença significativa
Aspectos relacionais/afectivos	$\bar{x} = 42.3$	$z = -2.39$ $p < .05$	$\bar{x} = 30.6$	Diferença significativa
Outros	$\bar{x} = 42.6$	$z = -2.52$ $p < .05$	$\bar{x} = 30.4$	Diferença significativa
Imagem total	$\bar{x} = 45.4$	$z = -3.60$ $p < .001$	$\bar{x} = 27.6$	Diferença significativa

fica-se que entre os alunos a diferença de médias é mínima (Quadro 4).

Como se pode verificar através do teste de U de Mann-Whitney para $p < 0.01$ a diferença entre bons alunos e alunos fracos é bastante significativa, a favor dos bons alunos, donde a segunda hipótese é confirmada.

Se olharmos mais detalhadamente para os aspectos técnicos e relacionais-afectivos do comportamento do professor, observa-se a existência de diferenças muito significativas entre os dois grupos de alunos, verificando-se que o professor

crê que os bons alunos o vêem mais positivamente que os fracos, especialmente no que se refere aos seus aspectos técnicos.

Ao analisarmos o Quadro 5, verificamos que a imagem social do professor está mais próxima da imagem dada pelos alunos fracos do que a dada pelos bons alunos.

Através do t-teste verifica-se que existem diferenças significativas entre as respostas que o professor dá em relação à sua imagem social, e as respostas dos bons alunos quando se referem à imagem do seu professor. Relativamente

QUADRO 5

T — Teste para a significância da diferença das médias entre a Imagem do Professor e a sua imagem Social

	Bons Alunos		Alunos Fracos
	$\bar{x}_{IP} = 132.1$		$\bar{x}_{IP} = 132.5$
t=-2.58		t=1.14	
	$\bar{x}_{IS} = 141$		$\bar{x}_{IS} = 128.9$
p<.05			
	Diferença significativa		Diferença não significativa

IP — Imagem Professor

IS — Imagem Social do Professor

aos alunos fracos não se verificam essas diferenças significativas. Deste modo a hipótese 3 não se confirma.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo partido do pressuposto de que os bons alunos constroem uma imagem mais favorável do seu professor que os alunos fracos, verificamos que os resultados não validam esta hipótese.

Para a amostra estudada, os alunos com bons resultados escolares vêem o seu professor de forma favorável e coerente, que engloba tanto as suas qualidades técnicas como as relacionais-afectivas. Estes resultados vão de encontro aos verificados por M. Gilly e col. (1975), onde refere que os alunos têm uma imagem global positiva do seu professor, que corresponde provavelmente a um estereótipo social, que dá ao professor a imagem de bom pedagogo.

No entanto podemos constatar algumas pequenas diferenças. Nos bons alunos as qualidades técnicas do seu professor são menos valorizadas, havendo uma maior valorização dos aspectos relacionais-afectivos: nunca inferioriza uma criança em relação a outra, é compreensivo, é paciente. Estes professores inspiram a estes alunos o respeito e a confiança e estes gostam de lhes agradecer. São-lhes também atribuídas muitas qualidades técnicas: sabe despertar-lhes o interesse pelas actividades, volta a

explicar se não percebem, encoraja os alunos a fazerem sozinhos os trabalhos, mas contudo é visto como alguém que exerce sobre eles um certo poder: não tolera que as regras não sejam cumpridas, sendo bastante rígido em relação ao tempo que dá para a execução de uma tarefa.

Relativamente aos alunos fracos, estes atribuem as mesmas qualidades técnicas ao seu professor que os bons alunos, qualidades que são mais valorizadas pelos primeiros. Estes alunos conferem ao seu professor uma maior autoridade do que os bons alunos. Ele é visto como sendo alguém que lhes dá muito trabalho e coisas muito difíceis para fazer: está menos disponível nas suas relações; fala pouco com os alunos fora do trabalho escolar e faz diferenças entre alunos quando dá castigos ou recompensas.

Os alunos com fracos resultados académicos parecem privilegiar na caracterização positiva do professor as suas qualidades técnicas sendo menos positivos nos seus aspectos relacionais-afectivos. Assim sendo, poderemos questionar até que ponto uma deficiência no aspecto relacional-afectivo na relação professor-aluno, levará estes alunos a não atingirem o nível académico dos seus pares do grupo dos considerados bons alunos?

Quando pedimos aos professores que nos digam o que consideram que os seus alunos pensam deles, verificamos que eles acreditam que tanto o bom aluno como o que pertence a categoria dos fracos o vêem favoravelmente. Crêem dar uma imagem de professor estimu-

lante, paciente, auto-controlado, equilibrado e bom profissional.

No entanto, há uma distinção muito clara nos seus julgamentos quando ele se coloca do ponto de vista dos bons alunos ou no dos alunos fracos (a imagem social é bastante mais favorável nos primeiros).

A imagem social do professor quando este se refere aos alunos fracos é favorável, o que poderá significar que este pensa estar preocupado com o insucesso escolar de alguns alunos e que os tenta compreender. Eles pensam ser pacientes, estimulando-os a aprender e a trabalhar, acredita que faz esforços para que façam progressos, que são calmos, que explicam bem, que repetem a lição de modo a que todos compreendam, que são gentis, mas consideram-se bastante rígidos em relação ao tempo dado para cada tarefa e ao trabalho atribuído aos alunos.

Nos bons alunos, os professores atribuem-se uma imagem bastante positiva enquanto Homem e enquanto pedagogo, constatando-se uma tendência nítida para se sobrevalorizarem.

Em ambos os grupos de alunos os aspectos técnicos do seu comportamento são mais valorizados que os relacionais-afectivos (particularmente no grupo dos bons alunos), o que poderá querer dizer que os professores se crêem melhor profissionais por estes alunos, mas também com uma relação afectiva mais conseguida.

Pensamos que o professor atribui a si próprio uma imagem bastante mais estruturada de bom profissional, relativamente aos bons alunos e uma imagem mais benévola quando se coloca do ponto de vista dos alunos fracos.

Ficámos surpreendidos de constatar que as diferenças entre as respostas dos professores e alunos, em relação à imagem do professor, são menores nos alunos fracos do que nos bons alunos. Parece que mais uma vez o professor, em relação ao aluno fraco, acredita que esta categoria de alunos o valoriza menos em relação à sua representação. Verifica-se que os valores atribuídos, ainda que positivos, são-no menos pelo professor a si próprio, que os dos alunos fracos, mas próximos destes.

Pelo contrário, os bons alunos são em relação ao professor mais valorizados, ele encontra a sua satisfação profissional nos seus resultados e assim sobrevaloriza-se.

Daqui poderíamos inferir que à tendência

para a sobrevalorização que o professor tem da sua imagem, principalmente quando se coloca do ponto de vista dos alunos que obtêm bons resultados escolares, com quem estabelece um bom relacionamento dando-lhes estas uma satisfação profissional, é no caso dos alunos mais fracos, reduzida para um nível mais baixo, e ainda que por defeito, se aproxima mais da realidade manifestada por todos os alunos, já que como vimos nos resultados, as diferenças entre os dois grupos é não significativa.

Seria pois interessante a chamada de atenção aos professores para que tomassem conhecimento de que os alunos, quer bons quer fracos, têm do seu professor uma imagem idêntica. Evitar-se-ia assim, essa grande discrepância da sua imagem social, que não corresponde à realidade, e que pode levá-lo a ter comportamentos pedagógicos e relacionais diferenciados para os dois grupos de alunos, levando assim indirectamente, à perpetuação da existência dos mesmos ou até ao seu agravamento.

6. CONCLUSÕES

A imagem do professor na escola primária é uma questão evidentemente vasta para ser abordada num só trabalho deste teor. No entanto um esforço foi feito no sentido de alargar um pouco mais e de uma forma mais clara esta problemática, podendo-se ressaltar os seguintes dados fundamentais: A imagem que os alunos têm do seu professor é, em geral, favorável e idêntica para o grupo dos bons alunos e alunos fracos, sendo para os primeiros mais positiva nos aspectos relacionais-afectivos e para os segundos nos aspectos técnicos do comportamento do professor; por outro lado, a imagem social que o professor se atribui por parte dos alunos, é sobrevalorizada no caso dos bons alunos e muito semelhante, mas um pouco subvalorizada em relação aos alunos fracos. No entanto esta aproxima-se mais da realidade, já que como vimos anteriormente ambos os grupos de alunos têm a mesma imagem do professor.

Questionamo-nos então, porque é que nos alunos é pouco importante ser bom ou fraco na construção da imagem do professor, ao passo que o professor se vê apercebido diferentemente pelos bons e pelos fracos?

Nós acreditamos que o esquema de transmissão das mensagens é bastante unidireccional, e mais concretamente Professor→Alunos. O professor dirige-se aos alunos, mas estes não têm o direito (institucionalmente) de o contradizer. A criança encontra-se continuamente confrontada com um adulto mais ou menos imaginário, portador do saber e do poder. A relação pedagógica é assimétrica: só o professor tem poder para mandar fazer. «Ouvir o professor é também obedecer.»

BIBLIOGRAFIA

- Abrie, J.C. (1987). *Coopération, compétition et représentations sociales*. Cusset Suisse: Delval.
- DePaulo, B., Hoover, C., Webls, W., Kenny, D. & Oliver, P. (1987). Accuracy of person perception: Do people know what kinds of impressions they convey? *Journal of Personality and Social Psychology*, 2(52): 303-315.
- Filloux, J.C. (1974). Psychologie des groupes et étude de la classe. In *Traité des Sciences Pédagogiques*, tome 6, Paris: PUF.
- Gilly, M. (1972). La représentation de l'élève par le maître à l'école primaire: cohérence entre aspects structuraux et différentiels. *Cahiers de Psychologie*, 15: 201-216.
- Gilly, M., Lacour, M. & Meyer, R. (1975). Image propre, images sociales et statut scolaire: Étude comparative chez les élèves de CM2. *Bulletin de Psychologie*, 25: 792-806.
- Gilly, M., Martin H. & Roher B. (1975). Contribution à l'étude de la perception du maître par l'élève en fin d'école primaire. *Bulletin de Psychologie*, 28: 800-810.
- Jodelet, D. (1989). *Les Représentations Sociales*. Paris, PUF.
- Mialaret, G. (1976). *Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Moscovici, S. (1976). *La Psychologie Sociale*. Paris: PUF.

RESUMO

O objectivo deste trabalho visou estudar a imagem

do professor (imagem dada pelos alunos, e imagem social dada pelo próprio professor), na perspectiva das relações professor/aluno no 1º ciclo.

A base de amostragem da pesquisa foi recortada num universo de alunos e professores, da seguinte forma: 72 alunos (36 bons e 36 fracos) do 4º ano de escolaridade e 8 professores.

A informação trabalhada, foi recolhida através de dois questionários fechados.

Os resultados da análise podem fixar-se deste modo: uma primeira série, agrupando as respostas dos alunos, representou maioritariamente a imagem do professor de maneira favorável, englobando nessa imagem as suas qualidades técnicas e relacionais-afectivas; uma segunda série, abrangendo as respostas dos professores, tipificou, por um lado, que os professores pensam que os alunos constroem uma imagem positiva deles, no entanto, mais favorável quando é produzida pelos bons alunos do que pelos alunos fracos. E, por outro lado, que, no âmbito das competências técnicas, a sua imagem é mais positiva, independentemente do estatuto escolar do aluno, do que a imagem sobre as competências pedagógicas de relação.

ABSTRACT

The purpose of this experiment was to study the image of the teacher (image given by the pupils and image given by the teacher himself), in the perspective of the relationships between teacher/pupil(s) on the 4th grade.

Seventy-two children (36 were considered on a high level and 36 on a low level) and 8 teachers were included in our sample.

The results can be fixed on this way: The first serie, grouping the answers of the children, indicated that the majority of the pupils perceived their teacher in a positive way, including their technical and affective qualities; The second serie of results, grouping the answers of the teachers, shows that they think that their children construct a positive image of them, but more positive when it his produced by high level pupils then by low level children. In another way, on the technical competence, they perceived themselves better then in their pedagogues relation competence, independently of the level of the children.